

FEMINISMO EM TELA: ANÁLISE DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL DO EPISÓDIO LISA E A BONECA FALANTE

Laís Emanuelle Borba de Brito[1]
Kênia Beatriz Ferreira Maia [2]

RESUMO

A seguinte pesquisa analisa como Os Simpsons incorporam e reproduzem pautas feministas no episódio Lisa e a Boneca Falante. A metodologia emprega a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), permitindo um exame aprofundado da narrativa e sua recepção cultural. Buscando assim compreender a influência do feminismo na série, estruturando um modelo analítico aplicável a outras produções midiáticas e ampliando os estudos sobre gênero e animação.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; audiovisual; séries animadas; Os Simpsons; Estudos da Mídia.

SPRIENGFIELD COMO LOCUS DE PESQUISA

O movimento feminista surge através de reivindicações de mulheres que culturalmente por visões patriarcais eram confinadas ao espaço privado e que se encontravam submissas a figuras masculinas, fosse por seu genitor ou companheiro, tratadas como meros objetos de procriação e consideradas como propriedades dos homens, aos quais deviam obediência e subordinação. A partir do século XIX, as reivindicações femininas ganharam expressividade tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. No entanto, antes desse período, existiam manifestações de mulheres e outros grupos oprimidos em busca de direitos e justiça social. Ao longo da história, esses movimentos oscilaram entre períodos de relativa passividade e momentos de intensa mobilização, fenômeno comparável ao fluxo das ondas. (Carolina Siqueira; Elda Bussinguer, 2020).

Nesse sentido, a história feminista reconhece a existência de períodos de maior efervescência dentro do movimento. Mariana Coelho (2002, p. 44) sugere a ocorrência

[1] Laís Emanuelle Borba de Brito. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia – PPgEM/UFRN e em doutoramento Sanduíche na Universidade do Algarve. Ambos financiados pela CAPES. E-mail: laisborbabrito@gmail.com
[2] Kênia Beatriz Ferreira Maia. Docente e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia – PPgEM/UFRN. E-mail: kbiamaia@gmail.com

de “quatro momentos áureos na história do feminismo”, os quais correspondem às quatro ondas feministas. Essas ondas refletem diferentes contextos históricos e demandas específicas das mulheres, evidenciando a evolução do feminismo como um movimento dinâmico e multifacetado.

A primeira onda do feminismo, surge no século XIX e teve como principais pautas a educação, a igualdade jurídica e a revisão das relações matrimoniais. A segunda onda feminista (1960-1980) surge para questionar por que, apesar das conquistas legais, a igualdade entre homens e mulheres não se concretizava na prática. Por sua vez, a terceira onda se dá na década de 1990, quando o feminismo ampliou suas pautas para incluir as diversidades femininas, como mulheres negras, LGBTQIA+ e transexuais, fortalecendo movimentos interseccionais. Por fim, a quarta onda, surge a partir de 2010, caracteriza-se pelo ciberativismo, pela interseccionalidade e pela mobilização de coletivos, potencializados pelas redes sociais na luta contra diversas formas de opressão, como racismo, LGBTfobia e desigualdade de gênero.

Ainda durante esse contexto, nas décadas de 1960 e 1970 as teorias feministas do cinema surgem através da percepção que os papéis atribuídos as mulheres, opressões, desigualdade nas representações de figuras femininas e objetificações também se faziam presentes nesses produtos. (Laura Mulvey, 1989). A partir dessas teorias surgiram críticas profundas as performances de personagens femininas em dado momento no cinema, mas posteriormente na televisão e contemporaneamente através do *streaming*. O resultado de tais tensionamentos são apresentados por meio de personagens que saem de visões fechadas como princesas, donzelas em perigo, donas de casa submissas e partem para personagens cujo o intuito é o de subverter a ordem vigente.

Heroínas, protagonistas fortes e destemidas ganham cada vez mais espaço, apresentando não apenas performances distintas, mas discursos progressistas. Assim sendo, há um deslocamento das discussões feministas para produtos midiáticos que por meio das plataformas de *streaming* e seus acessos se encontram também difundidos nas redes sociais digitais acontecendo assim uma retroalimentação. O *streaming* apresenta um produto em que as pautas feministas estão sendo tensionadas, os agentes incorporam e reproduzem e as debatem nas redes sociais gerando o que poderíamos definir de ecossistema midiático feminista. (CANAVILHAS, 2011).

Para André Lemos (2009, p.136) encontrar o lugar no mundo parte dos agentes serem seres políticos da comunicação, tecnologia, da transformação do mundo externo. De acordo com o autor tais tecnologias não apenas participam da transformação material e energética, mas permitem transformações comunicativas, políticas, sociais e culturais. Por meio dela é possível transitar informações, bens simbólicos, não materiais, de uma maneira única na história da humanidade.

Por séculos os indivíduos se apresentaram apenas como meros espectadores, o máximo de inclusão acontecia sendo um expectador/ouvinte crítico. “Poder ver a televisão e criticar aquilo, poder ler um jornal e criticar o jornal” (LEMOS, 2009, p. 140) é algo recente, criticar e para além, poder criar seu próprio jornal, filme, produzir conteúdo utilizando tecnologias a partir de dispositivos de usos cotidianos. Nesse contexto, os agentes tem a possibilidade de escrever texto, mas escrever com foto, escrever com vídeo. Essa avalanche de informações faz com que essa tecnologia seja efetivamente uma tecnologia do compartilhamento. Assim sendo, é perceptível o avanço das discussões do movimento seguirem um fluxo dos avanços sociais e/ou tecnológicos ampliando as pautas para espaços tanto físicos quanto virtuais.

Dito isso, após a apresentação das quatro ondas e o que foi desenvolvido a partir delas alguns questionamentos ecoaram como: Qual o papel das audiovisualidades para a incorporação e reprodução de pautas feministas? Como as ondas e seus avanços influenciaram nos discursos e práticas nos produtos audiovisuais? Qual reflexo tais tensionamentos tiveram nas equipes constitutivas e nas representações performadas e/ou criadas dentro de tais produtos? Por fim, se a quarta onda se evidencia a partir de 2010 e tem como foco o ciberativismo qual o papel do audiovisual nesse cenário? E para além, na contemporaneidade com as plataformas de *streaming* e o acesso as redes sociais, como separar o ciberativismo feminista da repercussão causada por uma cultura de fãs?

Inicialmente, para buscar responder tais questionamentos que posteriormente serão adensados na tese em desenvolvimento escolhemos o 14º episódio da série animadas norte-americana Os Simpsons denominado Lisa e a boneca falante para servir como base metodológica.

Levando em consideração que desde a primeira exibição de imagens animadas no século XIX, a animação tornou-se um dos pilares da indústria audiovisual, se apresentando como uma importante forma de comunicação e expressão

contemporânea, funcionando como um produto cultural que tanto influencia quanto é influenciado pelas sociedades em que está inserida. Suas narrativas e práticas envolvem relações inter e transdisciplinares complexas, dialogando com diversas áreas do conhecimento, ultrapassando barreiras etárias, étnicas, sociais, econômicas e culturais. (Sérgio Nesteriuk, 2011).

Por sua vez, Os Simpsons surgem em 19 de abril de 1987, sendo amplamente elogiada tornando-se regular em 17 de dezembro de 1989. Exibida inicialmente na Fox Broadcasting Company (FOX) e vendida para a Disney em 2019. Os Simpsons contam com 35 temporadas e é considerada como a série de maior duração em transmissão. Aborda através de uma paródia satírica do estilo de vida norte-americano o dia a dia de uma família – Homer, Marge, Bart, Lisa e Maggie. Em contrapartida, o episódio Lisa e a boneca falante apresenta no enredo o sonho de Lisa de ter uma boneca falante com o agravante da boneca proferir frases sexistas. O episódio reflete debates feministas sobre a socialização infantil e a construção de identidades de gênero, ao mesmo tempo que satiriza a resistência da indústria em promover mudanças efetivas. A frustração de Lisa diante da dificuldade de desafiar padrões estabelecidos revela a persistência de estruturas patriarcais, tornando o episódio um exemplo significativo da abordagem crítica que Os Simpsons adota em relação a questões sociais e culturais.

Após a seguinte apresentação trazemos o problema de pesquisa: Como se dá a incorporação e reprodução das pautas feministas na série animada Os Simpsons. Partindo da hipótese que o episódio em questão incorpora as discussões feministas tensionadas na sociedade. Com o objetivo geral de analisar como a série animada Os Simpsons incorpora e reproduz pautas feministas.

Para a realização da seguinte análise, a tela não será apenas um instrumento, mas um campo de pesquisa. No qual, exigirá um longo período de contato, uma observação sistemática dos episódios de diferentes modos, registros em caderno de campo com descrição de cenas, pontos que são interessantes para a análise e conceitos que poderão ser abordados e por fim a escolha das próprias cenas a serem analisadas. (RIAL, 1999).

Dessa maneira, para Iluska Coutinho (2019) em tempos e espaços contemporâneos a imagem torna-se protagonista na mediação de grande parte das relações. Nesse contexto, analisar o audiovisual não é tarefa fácil, tendo em vista a presença dele no dia a dia do pesquisador, vai existir certa dificuldade de um

distanciamento do objeto de estudo. Buscando atender a essa demanda a pesquisadora desenvolveu a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), tal análise propõe a não fragmentação dos objetos no momento da análise para que suas decomposições não descaracterizem aquilo que busca compreender. No primeiro momento de análise é necessário compreender as promessas daquele produto audiovisual. “Como se apresenta ao público? O que é dito sobre ele em material de crítica de mídia, em matérias publicadas em jornais e sites, e ainda em vinhetas e chamadas dos próprios realizadores” (COUTINHO, 2022, p.04).

O seguinte momento é denominado como paratexto, seria a compreensão do material em um dado fluxo comunicativo, com as marcas características de vinculação, emissora ou horário de programação e tem como intuito a organização do segundo momento de análise. Após a compreensão do pacto comunicativo do produto audiovisual que está sendo analisado, a próxima etapa visa desenvolver um instrumento de investigação capaz de responder as questões da pesquisa. “A elaboração da ficha de leitura deve estar ainda ancorada no referencial teórico do estudo, nos conceitos chave que dão sustentação aos questionamentos de cada pesquisador (a)” (COUTINHO, 2022, p.04).

Nesse sentido, a organização se dá por meio de eixos de perguntas relacionadas entre si, que podem envolver aspectos tanto quantitativos quanto qualitativos. É necessário também localizar o material a ser analisado e realizar o chamado pré-teste. “Nesse momento será possível checar se todas as questões de pesquisa podem ser respondidas por meio daquela ficha, e realizar ajustes antes do terceiro ato” (COUTINHO, 2022, p. 04), a análise.

A utilização da ficha em todo o corpus da pesquisa, com recortes ou amostras definidos para cada intuito é denominado por Coutinho (2018) como “entrevista do objeto”. A proposta visa que as investigações se aproximem da experiência de consumo e fruição do audiovisual. Após a obtenção das respostas, a etapa final acontece por meio da interpretação dos dados em consonância com o referencial teórico da pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa propõe uma análise aprofundada da incorporação e reprodução das pautas feministas na série *Os Simpsons*, utilizando o episódio *Lisa e a Boneca Falante* como estudo de caso inicial. A partir da metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), busca-se compreender como as representações femininas e os discursos críticos emergem dentro do contexto da animação,

considerando seu impacto cultural e social. Além disso, a elaboração da ficha de leitura pretende contribuir para o refinamento da abordagem analítica, permitindo que a metodologia seja aplicada a outros episódios da série. Dessa maneira, a pesquisa não apenas investiga a evolução das discussões feministas no audiovisual, mas também propõe um modelo estruturado para futuras análises, ampliando o escopo dos estudos sobre gênero e mídia no contexto das animações televisivas.

REFERÊNCIAS

COELHO, Mariana**. A evolução do feminismo: subsídios para sua história** (2ª ed). Curitiba, PR: Imprensa Oficial do Paraná, 2002a.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual – Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In ÉMERIM, Carlida; COUTINHO, Iluska & FINGER, Cristiane (Orgs). **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro.** Florianópolis Insular, 2018.

COUTINHO, I; FALCÃO, L. F.; MARTINS, S. **Dos eixos à análise da materialidade:** o audiovisual observado, compreendido e experimentado em toda sua complexidade. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2135-1.pdf. Acesso em: 10 de março de 2025.

LEMOS, André. In: SAVAZONI, R; COHN, S. (Orgs). **Cultura digital.br.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

RIAL, C. S. Japonês está para a TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia (Org). **Imagem em foco novas perspectivas em antropologia.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. P. 231-255.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. **As ondas do** feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher, São Paulo. **Revista Thesis Juris – RTJ**, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan./jun. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5585/rtj.v9i1.14977. Acesso em: 14 de março de 2025.

MULVEY, Laura. **“Visual Pleasure and Narrativa Cinema”** Screen, v. 16, n.3, p.6-27, Autumn. 1975.

NESTERIUK, Sérgio. **Dramaturgia de série de animação.** 1ª Edição. São Paulo, 2011.